

XXII Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social
Instituições e empresas: perspectiva histórica

Proposta de comunicação – resumo

História de uma fábrica : A Metalúrgica da Longra (1920-1993)

Maria Otilia Pereira Lage

Propomo-nos com este “paper” apresentar a trajectória de uma empresa metalúrgica do concelho de Felgueiras que, fundada nos anos 20, enquanto pequena oficina, no lugar da Longra (fronteira entre as pequenas freguesias de Rande e Santa Marinha de Pedreira) veio a afirmar-se no sector do mobiliário metálico, a nível nacional, acabando por ser extinta em 1995, após um conturbado processo de reestruturação subsidiado por fundos europeus.¹

Faz-se uma memória descritiva da fábrica, numa aproximação metódica ao modo de construção de uma identidade “itinerante” (Foucault) de empresa, com destaque para os *ciclos* do seu desenvolvimento e as *redes* da sua inserção e influência sem esquecer os efeitos que a sua existência, enquanto recurso essencial, teve nos modos de vida de populações rurais, - já que rural era o espaço económico e social em que surge.

Contextualizada no quadro mais geral da metalurgia e da metalomecânica em Portugal e em particular, no sector do mobiliário metálico – equipamento de espaços públicos, onde é abordada retrospectivamente e numa perspectiva de análise comparativa, a M.L. é depois objecto de um estudo estruturado como percurso social colectivo ou “biografia social”. Trajectória de empresa, narrada através das suas fontes (actas das assembleias, relatórios, catálogos, “literatura cinzenta” da empresa, estudos do INII, etc.), ou “identidade social secundária” construída por documentos públicos da mesma, resulta de, e converge para um eixo de ordenação que poderá designar-se, na perspectiva da empresa, por “história - estratégia”, na medida em que é a própria empresa, em momento de crise, que mobiliza, para efeito de construção e projecção de

¹ Esta empresa analisada numa tripla perspectiva histórica, sociológica e antropológica, num contexto mais amplo e profundo do que o aqui considerado e a comunidade em que se inseria, foram objecto central de um estudo de caso alargado que constituiu a nossa tese de mestrado em História das Populações “Comunidade e Fábrica : na linha de fronteira Tradição-Inovação:Um caso no modo português de industrialização” defendida na Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais em 1995 e que aguarda publicação.

uma imagem pública investida do passado as questões de identidade, cultura e comunicação.

Fruto de um trabalho suscitado por uma situação generalizada entre nós, de incúria, dispersão e desaparecimento dos arquivos de empresas (limitação primeira ao fazer história do nosso presente-passado), constitui-se por isso também como uma espécie de banco de dados para o estudo da história da Mit / M.L. , espólio de fontes e documentos selectivamente organizado e apenas reconstituído no percurso da pesquisa em trabalho de terreno.

Resultante pois da necessidade de ir organizando factos, informações e dados segundo o critério da sua pertinência e fidedignidade para delinear a história da fábrica, no sentido de que cada história de empresa é particular (conforme ensinamento da jovem história que encontrou nas empresas um terreno privilegiado, designada em França por “Histoire Appliquée ou “Histoire Conseil”, e nos E.U.A. por “Public History) o estudo aqui apresentado é muito marcado pelo tipo e natureza de documentos da e sobre a empresa que de certo modo glosa. Mas julga-se que também por isso se justifica na medida em que o tema –história de empresas – entre nós ainda considerado uma das “zonas escuras” da história recente do país, apesar de ser significativo o papel desempenhado pelas empresas na nossa história contemporânea. Daí que seja marcado também pela preocupação de inscrever esta vertente de *história na empresa* , mais do que *história da empresa*, com a qual, não necessariamente monográfica, se visa descrever e sobretudo compreender e tentar explicar através de diferentes coordenadas, um conjunto diverso de aspectos característicos da vida da empresa – expansão e crises, estilos de gestão, etc. – contribuindo para a interpretação do presente (MENDES,1993).

Mas se, em primeiro lugar se reúne e compila selectiva e organizadamente informação, procura-se em segundo lugar, fornecer, ainda que de modo pouco sistemático, referenciais teóricos diversificados que possam funcionar como “marcadores” capazes de facultar outra visibilidade aos materiais incorporados na reconstituição da história da empresa. Aspecto tanto mais importante quanto esta é aqui considerada não só ou não tanto à luz de modelos estratégicos de gestão ou de desenvolvimento de imagem de marca do respectivo produto ou de uma “cultura” de empresa, mas sobretudo como lugar de construção de memórias, espaço de enquadramento de homens, no sentido de *produção (e não só consumo) de homens* (RODRIGUES,1988). Ou seja, uma realidade viva, com uma parte de irracional, qualquer coisa de infinitamente mais difuso e complexo, para cuja descrição,

interpretação e compreensão das condições de surgimento, de como se perpetua através de modos de fabrico, trabalho e gestão de recursos diferentes, de como se adapta a constrangimentos internos e externos que evidentemente mudaram ao longo dos anos.

Por isso, construído a dois níveis – o factual e o referencial crítico – este estudo é também um conjunto que se pretendeu ordenado de uma pluralidade diversificada de discursos, tantos quantos nos foi possível extrair dos muitos reunidos ao longo da pesquisa empírica e teórica. Assume-se basicamente como parte essencial de um corpus documental necessário à abordagem estrutural de uma fábrica, que surgida em espaço rural sem implantação industrial significativa, se veio a afirmar na região como a primeira unidade industrial de ponta e enquanto tal localmente reconhecida (até como referencial indutor do aparecimento posterior de outras unidades fabris que configuram hoje a região como de industrialização difusa) tendo-se tornado à escala nacional, a primeira a produzir em Portugal camas de operação hidráulicas entre outro mobiliário hospitalar e, mais tarde, na década de 1970, uma das três primeiras empresas nacionais no sector de mobiliário de escritório e pioneira no domínio do design industrial de mobiliário.

Este enquadramento permitiu-nos noutra instância e num pano de fundo histórico global delineado sobre o binómio economia/população aqui necessariamente não contemplados, ensaiar uma tentativa de interpretação e compreensão das relações que se estabelecem entre *mundo industrial* e *mundo rural* para, na mediação dessas relações se poder prosseguir, em termos de análise social, por outras abordagens a identificação de trajectórias e percursos de construção de identidades sociais dos actores “tomados a sério”, na teia das lógicas ou *mundos* diferentes – *doméstico, industrial, mercantil, de inspiração, cívico...*(THÈVENOT, 1989, BOLTANSKI, 1990) - que nesse objecto fabril se jogam.

Em síntese, este estudo da iniciativa local de base familiar que é a Metalúrgica da Longra cuja inserção no plano nacional se não descure, abordagem micro-histórica de uma realidade empírica singular e rica, cuja representatividade, pela exemplaridade de um autêntico “excepcional normal” (Carl Grinzburg) também, noutra instância, se procurou determinar, visou sobretudo contribuir para preparar, através da reconstituição da materialidade histórica da empresa, as condições de ancoragem de uma análise social em profundidade das acções, práticas, interrelações, trajectórias e discursos de alguns dos principais intervenientes no processo de desenvolvimento da fábrica, dimensão esta que, no entanto, teve que ser excluída do âmbito deste texto.

